

III *As antas são cabanas, e não sepulturas*, — diz o Sr. P.<sup>o</sup> Espanca.

Esta afirmação não é justa: — primeiro, porque muitas antas são demasiado pequenas para poderem servir de casas de vivos; — segundo, porque nas antas encontram-se restos humanos, ossos e dentes, cuja existencia allí só pôde explicar-se, admittindo-se que as antas eram sepulcros ou ossuários.

Trato este ponto com tal desenvolvimento no meu citado livro *Religiões da Lusitania* (no prelo), que não posso tratá-lo agora outra vez. Em todo o caso tomo a liberdade de recommendar ao Sr. P.<sup>o</sup> Espanca, pelo menos, a leitura das obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, onde achará exemplos bastantes de antas que continham no seu seio restos de esqueletos humanos.

Este facto não admitte contestação possível.

Se em algumas antas se não acha nada, é porque os terrenos destruíram os ossos (por exemplo os terrenos graníticos), ou porque os curiosos levaram tudo, ou porque se praticou a incineração dos cadáveres.

O Sr. P.<sup>o</sup> Espanca creio que nunca explorou anta nenhuma; eu, da minha parte, já explorei algumas em Tras-os-Montes, na Beira e no Alemtejo, conheço tudo o que se tem escripto em Portugal sobre o assumpto, e conheço muitas cousas do que se tem escripto lá fóra: para afirmar o que affirmo fundo-me, pois, em muito boas razões.

\*

Em resumo: — os dolmens datam dos tempos *prehistoricos*, e são *monumentos funerarios*; a palavra *anta*, que, com outras, significa *dolmen*, vem do singular de *antae*. Creio que são pontos liquidados.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1896.»

J. L. DE V.

### Archeologia Eborensis

Cofre de ferro existente na Secção Archeologica  
da Bibliotheca Pública de Evora

Ha annos existia na Repartição de Fazenda de Evora um cofre, ou antes uma arca de ferro batido, que servia para o thesoureiro-pagador do districto arrecadar e guardar valores confiados á sua responsabilidade. A fórma e a construcção d'essa arca não deixavam de chamar

a attenção das pessoas que o acaso, negocios publicos ou particulares, levavam á thesouraria do districto. Ás perguntas que a seu respeito se faziam, só se obtinha a seguinte resposta: *É muito antigo, era da Inquisição, já cá existia no tempo das Provedorias.*

Ultimamente, tratando-se de reparações na parte do edificio do antigo Collegio dos Jesuitas, occupada pela Repartição de Fazenda do districto, foi sollicitada por mim licença para que esse cofre fosse recolhido na Bibliotheca Pública de Evora, não só porque hoje não servia para arrecadação de valores, visto terem sido extinctas as thesourarias dos districtos, mas para não se perder, como perdido se tem muitas outras preciosidades archeologicas, esse especimen de serrallteria do seculo XVI ou de seculo anterior. Felizmente, hoje está esse cofre recolhido na Bibliotheca, onde póde ser examinado, estudado e apreciado por aquelles a quem taes cousas interessam. Os desenhos juntos dão conhecimento do cofre, e as *cotas* nelles escriptas permittem avaliar a sua grandeza, dispensando qualquer descripção mais ou menos incompleta que d'elle se pudesse fazer. As paredes do cofre, assim como a tampa e o fundo são constituídos por folhas ou laminas de ferro forjado de 0<sup>m</sup>,003 de espessura; as folhas são reunidas de topo, por bandas de ferro forjado de 0<sup>m</sup>,009 de espessura, a que são fixadas por meio de *rebites*. Os cantos são fortalecidos por cantoneiras igualmente de ferro batido. Alem d'isso, a tampa é fortalecida interiormente por meio de uns triangulos de ferro redondo.

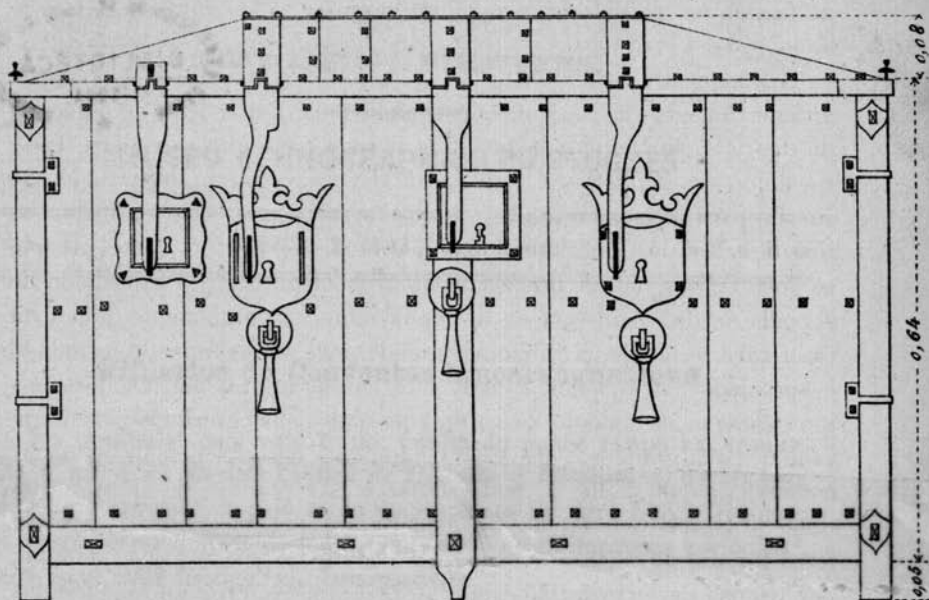
Como é por todos sabido, a Inquisição foi introduzida em Portugal por El-Rei D. João III aos 22 de Outubro de 1536, fundando-se em Evora o seu primeiro tribunal<sup>1</sup>; por conseguinte, a ter sido da Inquisição de Evora o cofre, deve considerar-se posterior a 1536. A existencia de corôas reaes na frente do cofre faz crer porém que, mesmo quando houvesse servido na Inquisição, havia tido anteriormente outro destino. Sabe-se que os nossos antigos monarchas tinham thesouros em muitas das suas principaes cidades. Poder-se-ha' com este fundamento suppor que o cofre teria primeiramente servido no erario de Evora? Ou, deverão considerar-se as corôas como signal de privilegio de fabricação?

Deixamos as respostas ou as explicações a quem as possa dar, e contentar-nos-hemos com annunciar a existencia do cofre na Bibliotheca de Evora, e para elle chamar a attenção dos amadores das nossas antigualhas.

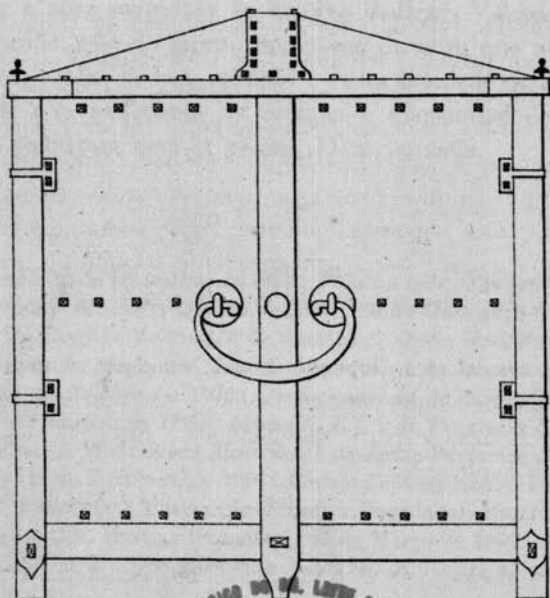
C. DA CAMARA MANOEL.

<sup>1</sup> *Evora gloriosa*, pelo P.<sup>o</sup> Francisco da Fonseca, Roma, 1728.

Escala  $\frac{1}{10}$  ou  $\frac{m}{0,10}$  por 1 metro



1,15  
(frente)



1,15  
BIBLIOTECÁ  
(lado)